

## UMA ANÁLISE DA COMPREENSÃO DOS ADOLESCENTES ACERCA DA SEXUALIDADE

Ana Catarina da Silva Nóbrega (1); Luíza Maria Alfredo da Silva (2); Betânia Maria Oliveira de Amorim (3)

<sup>1</sup>*Graduanda em Psicologia, pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG –  
anacatarina-16@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Graduanda em Psicologia, pela Universidade Federal de Campina Grande/UFCG –  
mariaalfredo98@gmail.com*

<sup>3</sup>*Orientadora e Professora Doutora da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG -  
betania.maria.ufcg@gmail.com.br*

**Resumo:** A adolescência caracteriza-se por mudanças sociais, psicológicas e biológicas atravessada por conflitos, tensões e questionamentos em relação a vários aspectos, entre os quais a sexualidade. Por esta razão, a temática da sexualidade está cada vez mais presente no universo adolescente. A relevância desse tema torna-se mais emblemática quando controvérsias sobre o aborto, os direitos das minorias sexuais, a retomada da propagação da AIDS entre os jovens e a gravidez na adolescência se tornam alvo de preocupações no cenário social da vida contemporânea demonstrando a necessidade de trabalhos de cunho educativo-preventivo, tendo como sujeito o adolescente e como tema a sexualidade. Nesta perspectiva, este trabalho busca discutir a importância desta temática para este grupo social haja vista que, as dificuldades identificadas na escola e na família para abordá-la, podem reforçar a manutenção de mitos, tabus, crenças e concepções errôneas acerca da sexualidade. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo realizado com estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, situada na cidade de Campina Grande – PB. Utilizamos como instrumento de coleta um questionário e o Diário de Campo. A amostra foi composta por 13 alunos, com idade média de 17,23 anos, dos quais 7 do gênero masculino, e 6 do gênero feminino. Foram identificadas 7 classes temáticas, a saber: Preconceito/Respeito às diferenças, Relações de gênero, Gravidez, Orientação sexual, Patologias, Convivência familiar e Ato sexual. Os dados apontam que o preconceito e as relações de gênero são aspectos importantes que despertam o interesse dos adolescentes. Observamos que, apesar do avanço científico, do acesso às informações no que diz respeito ao estudo sobre sexualidade humana, este tema ainda é impregnado de mitos, preconceitos e contradições, perpetuando-se crenças e concepções equivocadas sobre a sexualidade.

**Palavras-chave:** Adolescência; educação sexual; escola; sexualidade, psicologia.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Cerqueira-Santos, Neto e Koller (2014), a psicologia estuda a adolescência desde o início do século XX. Para estes autores, anteriormente, esta fase da vida representava um período conturbado e tortuoso e, atualmente, percebe-se que a adolescência pode ser definida como uma época de mudanças biológicas universais

e visíveis, pela puberdade e pelo desenvolvimento sexual. Entretanto, não só de variações fisiológicas podemos caracterizar tal momento, havendo também aspectos sociopsicológicos envolvidos, tornando a vivência da adolescência uma experiência individual relacionada a cultura e ao contexto histórico.

Desse modo, a adolescência caracteriza-se por mudanças sociais, psicológicas e biológicas atravessada por conflitos, tensões e questionamentos em relação a vários aspectos, entre os quais a sexualidade. Para Furlani (2009), a adolescência é uma construção histórica e social, moldada por discursos e instituições políticas que tornam certos saberes hegemônicos, assim como revestida de mitos e tabus. Tais instituições são resultado de representações culturais e sociais, postas em prática pela família, mídia, medicina, escola, leis e religião, cujas normas regulam os gêneros, os corpos e as sexualidades (LOURO, 2016).

Nunes e Silva (2000) apresentam duas tipologias metafóricas que ilustram com grande propriedade, aquilo que se processa nas atitudes dos professores ao abordarem a sexualidade na escola: a “pedagogia do bombeiro” e a “pedagogia do avestruz”. A “pedagogia do bombeiro” é aquela intervenção cujo propósito é, supostamente, “apagar focos de incêndio” no que se refere a manifestação e a curiosidade sexual dos alunos. A “pedagogia do avestruz” simboliza a atitude de “fingir que não vê”, enterrando a cabeça na areia do dia-a-dia, esquivando-se do debate da questão. Em síntese é presumível que os professores necessitam debater suas dúvidas e angústias, refletir sobre seus valores e conflitos, questionar seus tabus e preconceitos a respeito da sexualidade. Como nos diz Rosa (2008), a educação escolarizada, com suas peculiaridades e produtividade, gera múltiplos efeitos, potencializando e fragilizando, simultaneamente, diferentes fatores que compõem o jogo de forças em ação, enfatizando aqui os modos de comunicação com jovens estudantes, seus modos de vestir, mostrar, exibir e falar, através do corpo.

Desse modo, pressupomos que a escola trata a sexualidade de maneira superficial e improvisada, visto que, os professores mal conseguem discutir sobre assuntos, tais como: gravidez, virgindade, aborto, masturbação e outros. Quando não é possível escamotear as indagações dos alunos sobre essas manifestações da sexualidade, os docentes enfatizam os aspectos anatômicos e fisiológicos dos aparelhos reprodutores masculinos e femininos ou adotam a postura de conselheiros, tentando normatizar e/ou moralizar o comportamento dos alunos.

Em outras palavras, a temática da sexualidade é deixada à margem, ou caminha apenas como caráter informativo para prevenção de doenças e da gravidez entre as jovens, não atingindo a promoção de reflexão sobre a vivência da sexualidade.

Como destaca Figueiró (2016), a maioria dos professores reconhece a educação sexual como necessária no processo formativo dos alunos, porém a formação da profissão não os prepara para lidar com essa questão no exercício da prática pedagógica.

Como assinala Furlani (2009), para muitos educadores, a opção em não discutir as sexualidades e os gêneros pode ser apoiada pela “providencial” inexistência da temática nos currículos escolares. Além disso, poderia estar favorecida pela ausência da temática nos seus cursos de formação. Devido a pouca informação e desconhecimento, no que tange a sexualidade, muitos adolescentes emitem conceitos distorcidos e/ou equivocados acerca dessa questão.

É indubitável que a Orientação sexual na escola pode aglutinar questões fundamentais, que correspondam aos interesses e necessidades dos adolescentes, inserindo na prática escolar, uma ação crítica, reflexiva e educativa no trato das questões alusivas a sexualidade. No entanto, somos levados a supor que os procedimentos adotados na prática escolar, com relação aos conteúdos de ordem sexual, apontam para uma outra realidade.

Tanto nas escolas de ensino médio (modalidade normal) quanto nos cursos de formação docente em nível universitário, raramente se tem a oportunidade de discutir a respeito dessas questões, uma vez que os currículos ainda não contemplam de forma abrangente tais temáticas. Dificilmente são oferecidas disciplinas que se dedicam especificamente ao assunto, muitas vezes sendo este trabalhado de forma tangencial. Temáticas relacionadas à diversidade cultural, aos discursos que estão presentes na mídia sobre os modos de ser (ou como deveriam ser) meninos e meninas, homens e mulheres, à problematização das relações de poder que circulam nas diferentes instituições e espaços sociais, entre outros, inúmeras vezes não chegam sequer a ser trabalhadas (FELIPE; GUIZZO, 2004, p.38).

Por esta razão, em função da falta de esclarecimento, a sexualidade ainda é encarada como tabu. Sendo assim, é pertinente oportunizar aos adolescentes um espaço para reflexões e questionamentos sobre a importância da prevenção, mudanças corporais, identidade, posturas, relações interpessoais, auto-estima, relações de gênero, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. Sendo assim, por intermédio da ação extensionista “Diálogos sobre a sexualidade com os adolescentes” buscamos proporcionar um espaço para que o adolescente expresse suas angústias, conflitos e medos, assim como possa obter informações sobre a sexualidade e as questões de gênero ao discutir valores, crenças e preconceitos, entre outros. Neste trabalho, apresentamos um recorte das atividades realizadas em uma das turmas atendidas pela referida atividade de extensão.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo realizado com estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, situada na cidade de Campina Grande – PB, com o objetivo de compreender as concepções dos adolescentes acerca da sexualidade. Para tanto, utilizamos como instrumento de coleta um questionário com 4 questões, por meio do qual, identificamos dados sócio-demográficos (questões 1 e 2) assim como os temas de interesse (questões 3 e 4) com relação a abordagem da sexualidade destacados pelos alunos em questão. Na questão 3, solicitamos que fossem citados 5 (CINCO) assuntos/temas/conteúdos relacionados a sexualidade adolescente. Em seguida, na questão 4, solicitamos que, tomando como referência os assuntos/temas/conteúdos relacionados na questão anterior fossem identificados 2 (DOIS) considerados mais importantes

Além do referido instrumento de coleta, é importante considerar a utilização do Diário de Campo. "O diário de campo nada mais é que um caderninho de notas, em que o investigador, dia a dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista" (Minayo, 2014, p. 95). Este recurso mostrou-se uma ferramenta de trabalho essencial para a construção e qualificação do nosso trabalho, uma vez que, possibilitou o registro das vivências, reflexões e percepções. Para a análise dos dados utilizamos a Análise temática tal como proposta por Bardin.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. Sobre os dados levantados**

A amostra foi composta por 13 alunos, com idade média de 17,23 anos, dos quais 7 são do gênero masculino, e 6 são do gênero feminino. Salienta-se, ainda, que mesmo com a explicação sobre como deveria se proceder a realização do questionário, alguns jovens não responderam os cinco temas solicitados na questão 3, assim como alguns alunos não repetiram os dois temas requeridos na questão 4, colocando novos conteúdos além dos discriminados na questão 3. Em relação a quantidade de temas, foram identificados 49 na questão três e 21 na questão quatro.

A análise de conteúdo temática permitiu a identificação de 7 classes temáticas, quais sejam: Preconceito/Respeito às diferenças, Relações de gênero, Gravidez, Orientação sexual, Patologias, Convivência familiar e Ato sexual. Cada classe temática está relacionada as respectivas categorias, conforme descrito a seguir.

Quadro 1 - Categorias identificadas/registradas

<b>CLASSES TEMÁTICAS</b>	<b>CATEGORIAS</b>
Preconceito/Respeito às diferenças	Preconceito; Preconceito em relação a orientação sexual e sexualidade; Preconceito ligado aos grupos LGBT's; Respeito pelas diferenças.
Relações de gênero	Feminismo; Transexualidade; Machismo; Diversidade de gêneros.
Consequências da vivência da sexualidade	Gravidez fora do casamento; Gravidez indevida, DST, Riscos de doença, relação sexual.
Orientação sexual	Dupla sexualidade; homossexualidade;
Diálogo	Apoio familiar

## 2. Das percepções sobre os dados

Percebemos a emergência da curiosidade dos adolescentes acerca da diversidade sexual, como tentativa de lidar com o diferente e o incomum. A falta de discussão na família e na escola, a respeito deste assunto pode ser uma das razões pelas quais esta questão tenha sido ressaltada. Nas palavras de Sayão (1997), há necessidade do carinho na relação professor-aluno, no tocante à disponibilidade pessoal do professor para atender às demandas que recebe em relação ao assunto e aplicar a formação pessoal para contribuir na vida prática dos alunos. Entretanto, ainda segundo a autora, há a carência de informações, de formação especializada e de conhecimentos na maneira de abordar o assunto com crianças e jovens em cada etapa específica do desenvolvimento.

O questionamento sobre as relações de gênero, e principalmente o destaque da hierarquização de gênero nas relações, tem encontrado espaço para apontar as diferenças do ser homem e ser mulher na sociedade cada vez mais cedo. Os adolescentes percebem a existência de certos privilégios reservados aos meninos, que não alcançam as meninas, e as atividades impostas a elas não se estendem a eles. Eles e elas concordam com relação a existência de uma

sociedade patriarcal, que submete o sexo feminino a condições desiguais e opressoras o que vem a ser um aspecto interessante na compreensão acerca das relações de gênero. Sendo assim, reiteramos que a desigualdade incomoda e deve ser debatida e questionada no espaço escolar.

Devido ao entrelaçamento da sexualidade com o sexo, o caráter biológico desse tema é objeto de muita curiosidade. As doenças e a gravidez decorrentes da prática sexual tem destaque no discurso questionador dos adolescentes. A informação dos perigos da falta de prevenção no sexo não é acompanhada de espaços de reflexão, ou mesmo não são muito claras. Como aponta Figueiró (2016), a fuga do tema provocada por alguns professores, põe em risco até a clareza das informações transmitidas, ao serem tratadas com pudor e falta de naturalidade.

A gravidez precoce é uma questão que aparece sistematicamente no discurso dos adolescentes sendo a família apontada como inoperante no trato desta questão, visto que, para esta prepondera apenas o aspecto preventivo, ignorando os demais aspectos relacionados a esta questão. Uma série de tabus circundam o tema, sendo o mais exaltado a perda da virgindade da mulher antes do casamento assim como o tempo estabelecido como certo para engravidar. Cerqueira-Santos, Neto e Koller (2014), apontam que o desaparecimento dos valores tradicionais, as atrações do mundo consumista urbano e as condições econômicas nas cidades favorecem as relações sexuais pré-matrimoniais com diferentes parceiros.

A orientação sexual também é objeto de curiosidade dos adolescentes e a pergunta mais frequente a esse respeito refere-se a como lidar consigo mesmo ao se sentir atraído por alguém do mesmo sexo. A falta de uma resposta assertiva para responder a este questionamento desconcerta pais e professores e remete à reflexão de Sayão (1997) para a presença do afeto ao escutar e a falta do carinho em discreta e sutilmente calar essas questões. A construção de um padrão hegemônico de orientação sexual contribui para repreensão das diferenças e mostra o quanto todos os temas postos como importantes pelos adolescentes se retroalimentam.

Verificamos que a temática da sexualidade atravessa e implica uma série de questões. Por esta razão, assim como Felipe (1998), acreditamos que compete aos professores ultrapassar seus papéis de meros transmissores de informação, uma vez que estes são produtores culturais profundamente implicados nas questões públicas. É necessário, pois, ampliar a definição de pedagogia e currículo, não se limitando simplesmente ao domínio de técnicas e metodologias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o que podemos observar, na perspectiva dos adolescentes, a sexualidade se apresenta como algo importante, todavia, ainda vemos arraigados



certos preconceitos e posturas por vezes contraditórias, por vezes confusas, o que vem refletir o caráter de instabilidade que caracteriza este momento do desenvolvimento. Percebemos que os adolescentes são modernos, “antenados” e fazem parte da chamada aldeia global, no entanto lhes faltam esclarecimentos acerca da sexualidade. Sendo assim, torna-se urgente investir na formação dos professores. Na nossa compreensão, este é um caminho que poderá provocar mudanças concretas no âmbito educacional e assegurar novas posturas e múltiplas possibilidades de pensar e viver a sexualidade.

## REFERÊNCIAS

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; NETO, Othon Cardoso de Melo; KOLLER, Sílvia H. Adolescentes e adolescências. In.: HABIGZANG, Luísa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Sílvia H. (Orgs.). **Trabalhando com os adolescentes** – teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FELIPE, Jane. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A educação sexual nossa de cada dia. **Revista Linhas**, v.7, n.1, 2016, p.1-21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

FURLANI, Jimena. *Mitos e Tabus da Sexualidade Humana*: subsídios ao trabalho em educação sexual – 3. ed., Belo Horizonte: Autentica, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho-ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª edição; 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 77-92.

MEYER, Dagmar E. E. Corpo, Gênero e Sexualidade: desafios para a educação escolar. In.: MEYER, Dagmar E. E.(org.) **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Porto Alegre: Mediação, 2012, p.59-92.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

NUNES, César Aparecido; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores associados, 2000.



ROSA, Graciema de Fátima. O corpo feito cenário. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SAYÃO, Rosely. A educação sexual nossa de cada dia. **Revista Série Idéias**. São Paulo: FDE, n.28, 1997, p. 269-281.